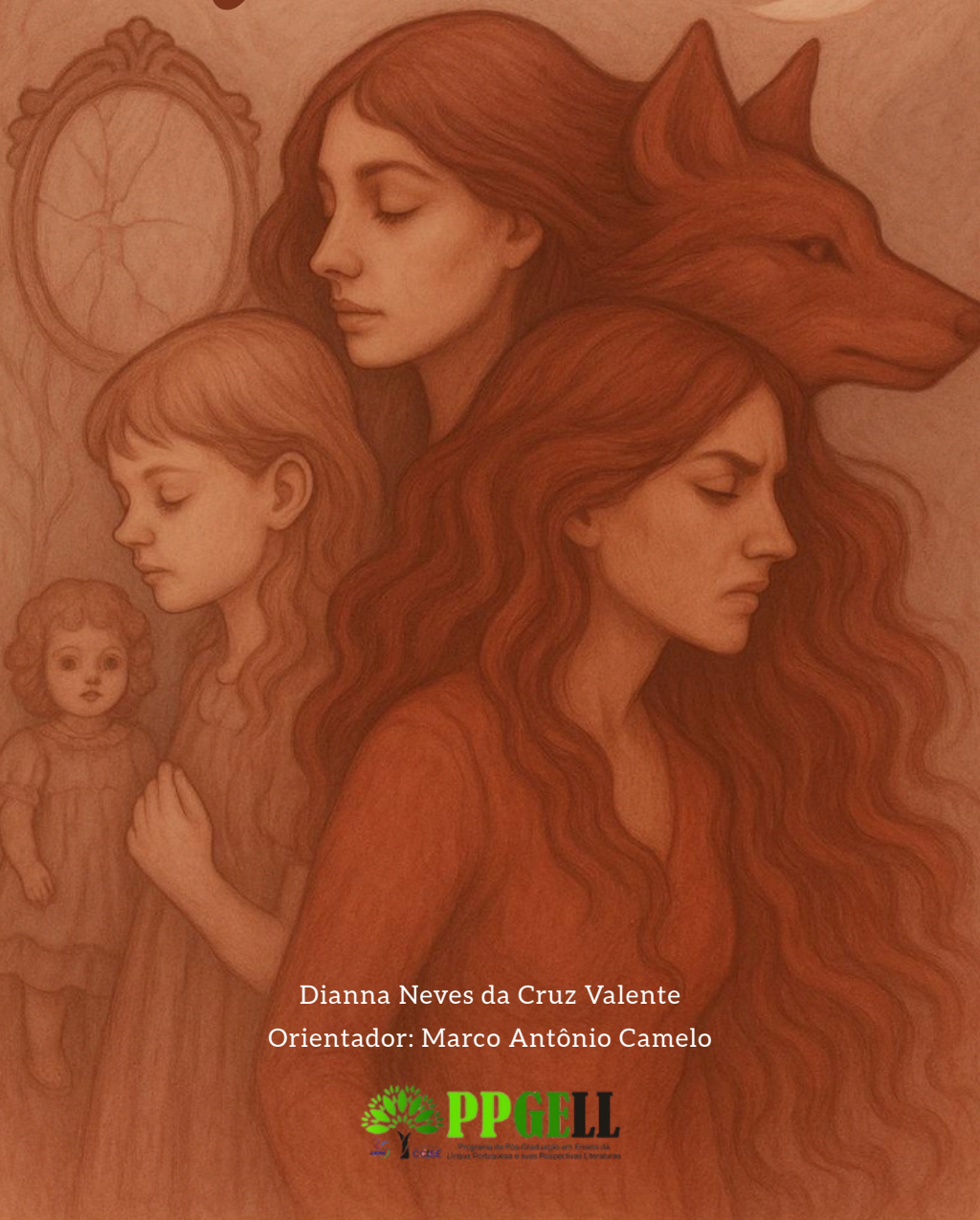


Contos que Desobedecem



Dianna Neves da Cruz Valente
Orientador: Marco Antônio Camelo

Contos que desobedecem



Uma travessia simbólica e literária para
leitores do 9º ano do Ensino Fundamental

Dianna da Cruz Valente

Orientador: Marco Antônio Camelo

Sumário

1. Carta ao Leitor	4
--------------------	---

Unidade 1 – Entre a menina e a lobissa: o caminho de volta a si	5
--	---

- Conto Clássico: Chapeuzinho Vermelho
- Versão Simbólica: La Loba
- Atividades e Reflexões

Unidade 2 – Cinzas, bonecas e espelhos: o despertar da intuição	11
--	----

- Conto Clássico: Cinderela
- Versão Simbólica: Vasilisa, a Sabida
- Atividades e Reflexões

Unidade 3 – A fera, o medo e o amor instintivo	19
--	----

- Conto Clássico: A Bela e a Fera
- Versão Simbólica: A Mulher Esqueleto
- Atividades e Reflexões

3. Referências	
----------------	--

Carta ao Leitor

Querida leitora, querido leitor,

Este não é um livro comum. Ele é um convite.

Um convite para caminhar por trilhas antigas — aquelas dos contos de fadas —, mas com um novo olhar: mais atento, mais profundo, mais simbólico. Aqui, você vai encontrar histórias que talvez já conheça, como a da Chapeuzinho Vermelho, da Cinderela e da Bela. Mas prepare-se: elas não aparecerão do jeito que você está acostumado(a).

Você vai conhecer também suas versões simbólicas, retiradas do livro *Mulheres que correm com os lobos*, da psicanalista Clarissa Pinkola Estés. Nessas versões, as personagens não são apenas princesas ou vítimas. Elas são viajantes internas, em busca de si mesmas, de seus instintos e de sua força.

Este e-book foi feito pensando em você, estudante do 9º ano, que está no meio do caminho entre o que foi e o que está por vir. Um tempo de muitas perguntas, descobertas e transformações. É por isso que essas histórias fazem tanto sentido agora. Elas falam de coragem, de crescimento, de medo e de amor verdadeiro — aquele que começa por dentro.

Este material é também o produto educacional desenvolvido como etapa final do Mestrado Profissional em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), sob a orientação do professor Marco Antonio Camelo. Ele nasce do desejo de unir estética e prática pedagógica, literatura e escuta simbólica.

Você encontrará aqui textos para ler, reflexões para fazer e propostas para criar. Cada unidade é um convite para atravessar um conto e sair do outro lado um pouco diferente, mais consciente, mais inteiro(a).

Desejo que esta leitura te ajude a lembrar da sua própria sabedoria interior — aquela que, às vezes, a gente esquece, mas que sempre esteve ali, esperando para ser ouvida.

Boa jornada!

Com carinho,

Dianna N. da Cruz Valente

UNIDADE 1

Entre a menina e a lobissa: o caminho de volta a si Introdução à Unidade 1 – Entre a menina e a lobissa: o caminho de volta a si

Nesta primeira unidade, embarcaremos na jornada de duas figuras femininas que, à primeira vista, podem parecer distantes, mas compartilham uma essência profunda: Chapeuzinho Vermelho, a menina que se aventura pela floresta, e La Loba, a velha selvagem que recolhe ossos e canta a vida de volta.

Ambas as histórias, separadas por séculos e culturas, dialogam entre si ao abordarem temas como o instinto, o perigo, a travessia e o renascimento simbólico. Chapeuzinho é muitas vezes lembrada como a menina ingênua que desobedece e sofre as consequências. No entanto, ao reler esse conto sob uma lente simbólica, percebemos que sua jornada é também uma descida necessária — um mergulho nos perigos do mundo externo e do inconsciente.

La Loba, por sua vez, representa a sabedoria arquetípica da mulher selvagem. Ela recolhe o que foi perdido, esqueceu-se ou foi reprimido. Seu canto é a força da reconstrução, da cura, da reanimação dos aspectos esquecidos do ser.

Ao cruzar esses dois contos, convidamos você, leitor(a), a refletir sobre suas próprias travessias. Quais perigos você já enfrentou? Que partes suas foram esquecidas e precisam ser recolhidas e cantadas de volta à vida?

Vamos começar essa jornada.

Conto Clássico: Chapeuzinho Vermelho (Irmãos Grimm)

Era uma vez uma doce menina que todos chamavam de Chapeuzinho Vermelho por causa de um capuz vermelho que sua avó lhe dera. Um dia, sua mãe pediu que levasse bolos e vinho para a avó doente, que morava do outro lado da floresta. Antes que ela partisse, sua mãe advertiu: “Vá direto pela estrada e não entre na floresta, ou algo de ruim pode acontecer.”

Chapeuzinho prometeu obedecer, mas ao encontrar um lobo no caminho, deixou-se levar por sua conversa sedutora. O lobo, muito astuto, sugeriu que ela colhesse flores para alegrar a avó. Enquanto ela se distraía, ele seguiu pela trilha mais curta, chegou primeiro à casa da velha, devorou-a, vestiu suas roupas e deitou-se na cama.

Quando Chapeuzinho chegou, achou estranho o aspecto da “avó”.

- Vovó, que olhos grandes você tem!
- É pra te observar melhor, minha querida.
- Vovó, que orelhas grandes você tem!
- São pra te ouvir melhor.
- Vovó, que mãos grandes você tem!
- São pra te abraçar melhor.
- Vovó, que boca enorme você tem!
- É pra te comer!

E, num salto, o lobo devorou a menina. Por sorte, um caçador que passava ouviu sons estranhos vindos da casa, entrou e encontrou o lobo dormindo. Com cuidado, cortou-lhe a barriga e salvou avó e neta. Depois, encheram o corpo do lobo com pedras, e quando ele acordou e tentou fugir, caiu morto sob o próprio peso.

Desde então, Chapeuzinho aprendeu a seguir sua intuição e a não se desviar do caminho sem reflexão.

Versão Simbólica: La Loba (Clarissa Pinkola Estés)

Nos desertos do Norte do México, há uma velha conhecida em muitas histórias. Seu nome é La Loba, a Mulher Loba. Ela vive isolada em cavernas sombreadas, entre as montanhas e o vento, e tem uma missão sagrada: recolher ossos. Dizem que ela busca, sobretudo, ossos de lobos, mas qualquer fragmento que pertença ao que é selvagem e perdido interessa a ela.

La Loba caminha lentamente, com paciência ancestral. Ela reúne os ossos esquecidos, os leva até sua caverna e os dispõe com cuidado. Quando o esqueleto está completo, ela se senta junto à lareira, acende uma chama interior e canta. Canta com a alma, com o coração primitivo, com a voz do instinto.

Enquanto canta, os ossos começam a se revestir de carne, músculo, pele. O lobo volta à vida, abre os olhos e corre livre pelo deserto. Às vezes, dizem, ele se transforma em uma mulher enquanto atravessa o horizonte. Uma mulher que corre, que sente, que sabe.

La Loba é a curandeira arquetípica, guardiã do feminino profundo. Ela representa a parte de nós que se recusa a esquecer, que quer restaurar o que foi perdido: a intuição, o instinto, a conexão com a alma selvagem. Seu canto é ritual de lembrança e renascimento.

Este mito nos mostra que, mesmo quando tudo parece morto, ainda há esperança de retorno. Basta recolher nossos próprios ossos — memórias, sonhos, dores, alegrias — e cantar sobre eles até que revivam. É assim que começamos a voltar para casa dentro de nós mesmos.

Quadro Comparativo: Chapeuzinho Vermelho × La Loba

Aspectos	Chapeuzinho Vermelho (Conto Clássico)	La Loba (Versão Simbólica)	Onde se Encontram	Onde se Distanciam
Contexto e ambiente	Floresta – lugar perigoso e cheio de armadilhas; menina a caminho da avó	Deserto – ambiente árido, símbolo de isolamento e ancestralidade	Ambas transitam em ambientes naturais simbólicos	Floresta é espaço de perigo; deserto é espaço de sabedoria e cura
Personagem principal	Menina jovem, inocente e ingênua	Mulher velha, sábia, conectada à natureza e à ancestralidade	Figuras femininas ligadas a ciclos da vida e instintos	Idade e postura: criança vulnerável vs mulher selvagem e curadora
Relação com o lobo	Lobo é inimigo, predador que engana e ameaça	Lobo é símbolo de força vital e renascimento	O lobo é figura central e simbólica	Lobo como ameaça vs lobo como força regeneradora
Ação principal	Menina desobedece e sofre consequências (perigo e resgate)	La Loba recolhe ossos e canta a vida de volta ao lobo	Jornada de travessia pelo desconhecido	Passividade e vulnerabilidade vs ação e poder de cura
Temas simbólicos	Desobediência, perigo, perda da inocência, aprendizado pelo medo	Renascimento, recuperação do instinto, força ancestral	Relação com instinto, perigo e aprendizado	Aprendizado externo e punição vs reconexão interna e autocura
Mensagem central	Seguir regras para se proteger	Poder da sabedoria interna para reanimar o que parecia perdido	Relação entre humano e instintivo	Alerta externo vs convite à reconexão interna

Produção Textual: Explorando as Faces da Mulher Selvagem

HABILIDADES

EF69LP49:

Produzir narrativas ficcionais com base em leitura de textos literários, respeitando a estrutura e os elementos típicos (personagens, espaço, tempo, enredo) e utilizando recursos linguísticos de coesão.

EF69LP31:

Compreender e analisar o uso de linguagem figurada, simbólica e expressiva em textos literários, reconhecendo seus efeitos de sentido.

PROPOSTA:

Após ler as histórias de Chapeuzinho Vermelho e La Loba e analisar o quadro comparativo, escreva um texto narrativo ou um poema que apresente a sua própria personagem inspirada nessas duas figuras.

Pense em uma personagem que esteja entre a inocência e a sabedoria ancestral, entre o medo e a força interior. Ela pode estar vivendo uma jornada de autodescoberta, enfrentando desafios ou celebrando seu renascimento.

ORIENTAÇÕES PARA O TEXTO:

- Use entre 15 e 30 linhas (ou uma página).
- Explore as emoções da personagem, seus medos e forças.
- Inclua ao menos um diálogo ou um momento simbólico que represente o conflito ou a transformação.
- Pense em elementos da natureza que possam simbolizar essa trajetória (floresta, deserto, animais, etc.).

QUESTÕES PARA REFLETIR ENQUANTO ESCRIVE:

- Quais são os "lobos" que sua personagem enfrenta? São medos, regras, perigos?
- Que partes da personagem precisam ser reencontradas ou reanimadas?
- Como ela se transforma ao longo da história?

DICA PARA QUEM QUISER IR ALÉM:

Você pode ilustrar sua personagem, criar um pequeno roteiro de quadrinhos ou até um áudio com sua narração, explorando a voz da personagem.

Animação: O Conto de La Loba

Nesta unidade, exploramos as narrativas de Chapeuzinho Vermelho e La Loba, figuras femininas que simbolizam a jornada entre a inocência e a sabedoria ancestral.

Para aprofundar sua compreensão sobre La Loba, convidamos você a assistir a uma animação produzida pelo Núcleo de Animação da PUC-Rio. Este vídeo retrata, de forma poética e simbólica, a história da mulher que recolhe ossos e canta a vida de volta, representando o processo de resgate e transformação interior.

Escaneie o QR code para assistir à animação e inspirar sua produção textual.



[Aponte a câmera ou clique aqui](#)

UNIDADE 2

Cinzas, bonecas e espelhos: O despertar da intuição

A literatura, desde suas origens orais, serve como espelho e como mapa: revela verdades profundas e orienta caminhos internos. Nos contos clássicos, muito além da moral ou da fantasia, encontramos símbolos recorrentes que despertam sentidos ocultos — cinzas, bonecas, espelhos — que se abrem como portais para o universo da intuição e do autoconhecimento.

Nesta unidade, percorremos narrativas marcadas pelo silêncio, pela espera e pela aparente passividade, como no caso de Cinderela e outras figuras semelhantes. No entanto, ao nos debruçarmos sobre suas estruturas simbólicas, percebemos que esses enredos falam de processos interiores: da escuta silenciosa, da preservação de algo precioso e da capacidade de perceber o invisível.

A leitura que propomos aqui, apoiada nas interpretações da obra *Mulheres que correm com os lobos*, convida o leitor a uma experiência literária mais profunda. Não se trata apenas de reler histórias conhecidas, mas de perceber como elas carregam arquétipos, metáforas e imagens que atravessam o tempo e nos tocam ainda hoje.

Entre a brasa e a palavra, entre o gesto e o símbolo, esta unidade investiga o modo como os contos revelam movimentos internos essenciais: a percepção sutil, a escuta do não dito, o cultivo de uma sabedoria que não se ensina, mas se reconhece — a intuição.

Cinderela

Era uma vez uma jovem bondosa que vivia com o pai e a mãe em uma casa tranquila e feliz. Quando a mãe adoeceu, chamou a filha para perto e disse: “Querida, seja sempre boa e corajosa, e eu estarei ao seu lado.” Depois disso, fechou os olhos para sempre. A menina, de coração triste, visitava todos os dias o túmulo da mãe, levando flores e lágrimas silenciosas.

Com o tempo, o pai decidiu se casar novamente. A nova esposa trouxe consigo duas filhas, de rostos belos, mas corações frios. Por um tempo, ele ainda esteve presente, mas não demorou muito até que também adoecesse e morresse, deixando a jovem completamente só, à mercê da madrasta e das meias-irmãs. A partir de então, a madrasta revelou sua verdadeira face: mandava na casa com dureza, obrigando a enteada a realizar todos os serviços pesados. A jovem limpava os quartos, esfregava o chão, carregava água, cozinhava e, à noite, dormia junto ao fogão, encolhida entre as cinzas. Por viver coberta de fuligem e brasas, passaram a chamá-la de Gata Borralheira.

Certa vez, o rei anunciou um grande baile no palácio. Durante três noites, todas as jovens do reino poderiam comparecer, pois o príncipe buscava uma esposa. As irmãs ficaram eufóricas. Mandaram arrumar vestidos, penteados e joias, enquanto zombavam da meia-irmã coberta de cinzas. Quando a Gata Borralheira pediu para ir ao baile, a madrasta riu e lançou-lhe tarefas impossíveis. Mesmo assim, a jovem cumpriu tudo com diligência, mas ainda assim lhe negaram a ida à festa.

Sozinha, ela correu até o túmulo da mãe e, diante da árvore que ali havia crescido, chorou. “Ajude-me, mãe, quero tanto ir ao baile...” De repente, um pássaro pousou nos galhos e deixou cair um lindo vestido dourado e pequenos sapatinhos de cristal. Vestida com brilho e esperança, a Gata Borralheira partiu ao palácio.

Na primeira noite, ninguém a reconheceu. A beleza, a graça e o mistério daquela jovem encantaram o príncipe, que dançou com ela e com mais ninguém. Mas, antes da meia-noite, ela fugiu, correndo como o vento. Voltou para casa, guardou o vestido e retomou sua roupa de cinzas.

Na segunda e na terceira noite, o mesmo se repetiu. No entanto, na última, ao descer as escadas do palácio, a Gata Borralheira perdeu um de seus delicados sapatinhos de cristal. O príncipe o recolheu e anunciou que só se casaria com a moça a quem aquele sapato coubesse.

Por todo o reino, o mensageiro real experimentou o sapatinho em todas as jovens. Quando chegou à casa da Gata Borralheira, as irmãs tentaram calçá-lo — uma chegou a cortar o calcanhar, a outra os dedos — mas nenhuma o fez servir. Só então o mensageiro pediu que a jovem coberta de cinzas viesse tentar. A madrasta relutou, mas o príncipe ordenou. Para surpresa de todos, o sapatinho serviu com perfeição, e a Gata Borralheira, ao calçá-lo, tirou do bolso o outro pé do par.

O príncipe reconheceu nela sua amada dos bailes. A Gata Borralheira foi levada ao palácio com honra, casou-se com o príncipe e viveu em paz. As irmãs, arrependidas, foram perdoadas, mas nunca esqueceram da jovem que, mesmo entre as cinzas, soube guardar sua luz.

Vasilisa, a Sabida

Era uma vez, na vasta terra da Rússia, uma menina chamada Vasilisa, doce, obediente e silenciosa. Antes de morrer, sua mãe lhe entregou um presente especial: uma bonequinha de pano, que deveria ser guardada com carinho. “Quando estiver em grande necessidade, alimente-a com um pouco de pão e água, e peça ajuda. Ela a aconselhará.” Depois disso, a mãe morreu, e Vasilisa ficou só com o pai.

Passado algum tempo, o pai casou-se novamente com uma mulher severa e de coração duro, que trouxe consigo duas filhas igualmente cruéis. Logo, Vasilisa passou a ser tratada como serva. Fazia os trabalhos mais pesados da casa, era mantida à margem e jamais recebia afeto. Mesmo assim, a menina permanecia doce e diligente, sempre em silêncio, alimentando sua boneca em segredo quando a tristeza apertava. A pequena boneca, com olhos vivos e coração de pano, oferecia conselhos e consolo.

Certo dia, o pai teve de fazer uma longa viagem. Assim que ele partiu, a madrasta, que tramava livrar-se da enteada, apagou todas as luzes da casa e mandou Vasilisa ir à floresta escura buscar fogo com Baba Yaga, a terrível bruxa dos contos eslavos, que vivia numa cabana montada sobre patas de galinha e cercada por crânios flamejantes.

Vasilisa, com medo, mas sem hesitar, tomou sua boneca e partiu. Atravessou a floresta, enfrentando o frio, a escuridão e os sussurros do vento. No caminho, cruzou com três cavaleiros mágicos – um branco, um vermelho e um negro – que representavam o ciclo do tempo: o dia, o pôr do sol e a noite. Nenhum lhe falou, mas cada um passou na hora exata, sinalizando que o tempo da iniciação estava sendo cumprido.

Chegando à casa de Baba Yaga, a velha bruxa lhe abriu a porta com olhos de ferro e dentes afiados. Vasilisa explicou que vinha buscar fogo, a pedido da madrasta. Baba Yaga concordou, mas impôs uma condição: só daria o fogo se a menina realizasse corretamente uma série de tarefas quase impossíveis, como separar grãos de milho de areia, peneirar a farinha e limpar toda a casa antes do amanhecer.

Sozinha, exausta e assustada, Vasilisa chorou, mas logo se lembrou da boneca. A pequena conselheira saiu do bolso, fez os trabalhos com agilidade mágica e deu forças à menina. Sempre que Vasilisa lhe dava um pouco de comida, a boneca a ajudava a seguir. Dia após dia, Baba Yaga a testava com novas tarefas. E Vasilisa, guiada pela sabedoria da bonequinha — símbolo da intuição feminina herdada da mãe —, cumpria tudo com perfeição.

Certa noite, a bruxa se irritou com o bom desempenho da menina e lhe fez perguntas afiadas. Vasilisa, com inteligência, respondeu com humildade, sem se mostrar curiosa ou pretensiosa. Baba Yaga, satisfeita, declarou: “Você tem sorte de ter sido abençoada com a ajuda de alguém de sabedoria.” E, como prometido, entregou a Vasilisa um crânio flamejante, que continha um fogo vivo nos olhos.

A menina voltou para casa carregando o crânio, cujo brilho era intenso e misterioso. Ao chegar, a madrasta e as meias-irmãs correram ao seu encontro, mas o fogo do crânio as encarou diretamente. Sem que Vasilisa nada fizesse, as chamas que habitavam o crânio as consumiram — uma imagem simbólica da destruição das forças que haviam aprisionado e oprimido a alma da menina.

Livre da opressão, Vasilisa enterrou o crânio no jardim e, a partir dali, começou uma nova vida. Foi para a cidade, tornou-se bordadeira, e seu talento cresceu tanto que a própria rainha soube de sua habilidade. Logo, Vasilisa foi chamada para trabalhar no palácio. Seu trabalho era tão belo que chamou a atenção do czar, que se apaixonou por ela. Os dois se casaram, e Vasilisa tornou-se rainha, agora não mais ingênua ou oprimida, mas sábia, consciente e dona de si mesma, guiada pela intuição e pela sabedoria que herdara da mãe e cultivara com coragem

Quadro Comparativo: Cinderela x Vasilisa, a Sabida

Elemento literário	Cinderela (Gata Borralheira)	Vasilisa, a Sabida
Origem do conto	Tradição ocidental europeia (Charles Perrault, Irmãos Grimm)	Tradição eslava/russa popular (folclore eslavo recontado por Clarissa)
Protagonista	Jovem doce, obediente, submissa e injustiçada	Jovem doce, silenciosa, obediente, mas intuitiva
Figura materna	Mãe morta, que protege através da árvore sobre o túmulo	Mãe morta, que protege através da árvore sobre o túmulo
Símbolo mágico central	Árvore mágica (ou fada madrinha); sapato de cristal	Boneca mágica; crânio flamejante
Desafios enfrentados	Maus-tratos da madrastra e irmãs; anonimato e silêncio	Maus-tratos da madrastra e irmãs; anonimato e silêncio
Ajudantes/socorristas	Animais, árvore ou fada madrinha	Boneca mágica (intuição); cavaleiros do tempo
Vilãs	Madrastra e irmãs invejosas	Madrastra, irmãs postas em segundo plano; Baba Yaga como iniciadora
Transformação da protagonista	De oprimida a rainha, por meio do reconhecimento externo	De submissa a rainha, por meio do despertar interno e da sabedoria
Final	Encontro com o príncipe e casamento	Independência, talento, casamento com o czar
Simbologia dos objetos	Sapato: identidade única; vestido: brilho interior	Boneca: intuição; crânio: fogo do discernimento

Temas centrais	Justiça, recompensa, reconhecimento, identidade	Intuição, sabedoria ancestral, superação, maturidade psíquica
Tom do conto	Mágico, delicado, voltado à transformação exterior	Iniciático, sombrio, voltado à transformação interior
Possíveis produções textuais	Reconto moderno; carta da Cinderela ao pai; diário da madrasta	Diálogo entre Vasilisa e a boneca; reescrita ambientada no presente

APONTE A CÂMERA PARA O QR CODE



[Ou clique aqui](#)

Proposta de Produção Textual: Roteiro de Podcast Literário

Título da Atividade:

**"Entre Contos e Cinzas: um encontro entre
Cinderela e Vasilisa"**

HABILIDADES

EF69LP19:

Produzir roteiros (de teatro, esquetes, vídeos, podcasts etc.), com base em leitura e escuta de roteiros-modelo, respeitando a estrutura do gênero, o estilo e o tema.

EF69LP26:

Expressar-se com clareza na produção de textos orais e escritos, considerando a situação comunicativa, o tema, o gênero e os interlocutores.

SITUAÇÃO COMUNICATIVA:

Você foi convidado(a) a escrever o roteiro de um episódio especial para o podcast "Vozes dos Contos", no qual personagens clássicos da literatura conversam entre si, trocando experiências e reflexões. O tema deste episódio será: desafios enfrentados por Cinderela e Vasilisa em suas jornadas de superação.

INSTRUÇÕES PARA A ESCRITA:

1. Crie uma abertura de podcast com o nome do episódio, uma breve introdução do tema e a apresentação das personagens convidadas.
2. Elabore um diálogo fictício entre Cinderela e Vasilisa, no qual:
 - Elas compartilham suas histórias (com trechos resumidos ou narrados);
 - Comparam suas experiências (opressão, perdas, objetos mágicos, amadurecimento);
 - Trocando conselhos, revelam como se tornaram mais fortes e independentes.
3. Inclua um momento de interação com "ouvintes" fictícios (ex: perguntas do público ou comentários).
4. Finalize o episódio com uma mensagem inspiradora das personagens.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE:

- Compreender e reinterpretar os contos "Cinderela" e "Vasilisa, a Sabida";
- Desenvolver a escrita criativa e o domínio do gênero roteiro;
- Trabalhar oralidade simulada e organização de ideias;
- Explorar temas como superação, identidade e amadurecimento.

DICAS

- Use linguagem adequada ao tom de um podcast: espontânea, envolvente e próxima do ouvinte.
- Sinta-se livre para incluir trilhas sonoras, efeitos sonoros e pausas (indicados entre colchetes).
- Dê personalidade às falas das personagens, respeitando suas histórias, mas também reinventando-as.

UNIDADE 3

A Fera, o Medo e o Amor Instintivo

Às vezes, o que mais assusta é também o que mais pode nos ensinar. Nos contos de fadas, os personagens enfrentam medos profundos: monstros, feitiços, floresta escura, solidão. Mas, por trás dessas imagens assustadoras, há sempre uma mensagem sobre crescer, sentir e aprender a lidar com o mundo – e consigo mesmo.

Nesta unidade, vamos conhecer duas histórias que falam de medo, transformação e amor verdadeiro: A Bela e a Fera, um conto tradicional muito conhecido, e A Mulher Esqueleto, uma história recontada por Clarissa Pinkola Estés no livro *Mulheres que Correm com os Lobos*. À primeira vista, esses contos parecem bem diferentes, mas os dois tratam do mesmo tema: como o amor verdadeiro só pode surgir quando somos capazes de enxergar o outro além da aparência – e também quando temos coragem de encarar o que há de mais profundo em nós mesmos.

A escritora Regina Zilberman lembra que “os contos permitem que crianças e jovens compreendam experiências humanas difíceis por meio de símbolos e metáforas”. Ou seja, quando lemos sobre uma fera assustadora ou sobre uma mulher que surge do fundo do mar como um esqueleto, estamos, na verdade, lendo sobre nossos próprios sentimentos – medo, rejeição, desejo de ser aceito e amado.

Aqui, vamos interpretar esses contos para descobrir como o amor, quando é verdadeiro, não é feito só de beleza e finais felizes. Ele é feito também de coragem, de aceitação e de conexão com o que é real – mesmo que isso, no começo, assuste um pouco.

Resumo do conto: A Bela e a Fera

Era uma vez um rico comerciante que perdeu toda a sua fortuna e teve que se mudar com seus filhos para o campo. Ele tinha três filhas, mas a mais nova era diferente das outras: gentil, inteligente e apaixonada por livros. Por isso, todos a chamavam de Bela.

Um dia, o comerciante recebeu a notícia de que um dos seus navios, dado como perdido, havia retornado. Antes de partir para verificar, ele perguntou às filhas o que gostariam de ganhar de presente. As mais velhas pediram roupas caras e joias. Bela, porém, pediu apenas uma rosa vermelha, pois onde moravam não havia flores.

No caminho de volta, o comerciante se perdeu na floresta e encontrou um misterioso castelo. Lá, ele foi bem recebido: a mesa estava posta com comida, a lareira acesa, e tudo parecia mágico – embora não houvesse ninguém à vista. Quando saiu, já alimentado e aquecido, viu um belo jardim cheio de rosas. Lembrando-se do pedido de Bela, ele colheu uma rosa. Nesse instante, surgiu a Fera, uma criatura enorme e assustadora, que o acusou de ingratidão por roubar uma flor do seu jardim. A Fera disse que o homem deveria pagar com a própria vida, a menos que uma de suas filhas viesse viver com ela no castelo.

O comerciante, triste, voltou para casa. Quando Bela soube do que havia acontecido, decidiu se sacrificar e ir para o castelo no lugar do pai.

No castelo, Bela descobriu que, apesar da aparência, a Fera era gentil e tratava-a com muito respeito. Todos os dias, ele perguntava se ela queria se casar com ele, e ela sempre dizia não, com delicadeza. Com o tempo, os dois criaram uma amizade verdadeira, e Bela começou a enxergar o que havia por trás da aparência assustadora da Fera.

Um dia, Bela pediu para visitar o pai, que estava doente. A Fera deixou que ela fosse, mas pediu que voltasse dentro de uma semana. Bela se atrasou e, ao retornar, encontrou a Fera quase à morte de tristeza e solidão. Desesperada, percebeu que o amava – não por sua aparência, mas por quem ele era de verdade.

Ela então disse: "Sim, eu te amo, e quero me casar com você."

Nesse momento, a Fera se transformou em um belo príncipe. Ele contou que havia sido enfeitiçado por uma bruxa e que só poderia voltar à forma humana quando alguém o amasse de verdade, apesar de sua aparência. Bela e o príncipe se casaram, e o castelo se encheu de vida e alegria novamente.

Resumo do conto: A Mulher Esqueleto

(Recontado por Clarissa Pinkola Estés)

Há muito tempo, em uma terra de gelo e mar, vivia uma jovem mulher que, por alguma razão — esquecida ou ignorada ao longo dos tempos —, havia sido jogada no oceano pelo próprio pai. Talvez por causa de um erro, talvez por injustiça. O fato é que ela foi lançada às águas e lá morreu. Mas seu corpo não desapareceu. As correntes o puxaram para o fundo, onde o esqueleto da mulher ficou preso entre as rochas e plantas do fundo do mar. Ainda assim, seus ossos não se desfizeram, e ela continuou ali, silenciosa, esquecida, fazendo parte do oceano.

Muito tempo depois, um pescador solitário saiu para pescar em seu pequeno barco. Ele não sabia da história da mulher, nem da presença dela nas águas profundas. Jogou sua linha, como sempre fazia, esperando pegar um peixe. Mas, naquele dia, físgou algo inesperado: não era um peixe, era a mulher esqueleto. Ao sentir o puxão forte, achou que tinha físgado um enorme peixe e ficou animado. Mas quando tentou recolher a linha, algo estranho aconteceu — parecia muito pesado. Puxou com força e, aos poucos, a figura da mulher começou a emergir das águas.

Primeiro, surgiu a cabeça — sem olhos, só caveira. Depois, os braços e o resto do corpo: um esqueleto completo, enroscado na linha de pesca. Apavorado com a cena, o pescador soltou um grito, acreditando que havia despertado um espírito. Começou a remar com desespero em direção à terra firme, tentando escapar. Mas o esqueleto estava preso na linha e veio arrastado atrás dele, batendo contra as ondas, como se o perseguisse.

Ao chegar em terra, o pescador correu para sua caverna. Ao acender o fogo, virou-se e viu que ela estava lá, caída no chão, completamente enredada nos fios da linha. Seu medo ainda era grande, mas, aos poucos, algo dentro dele começou a mudar. Em vez de apenas terror, sentiu pena. E depois, curiosidade. E então, respeito.

Com calma e cuidado, ele começou a desenroscar os ossos da linha. Passou horas ali, desfazendo os nós, como se estivesse cuidando de algo frágil e precioso. Depois de libertá-la, cobriu o esqueleto com peles de animais para aquecê-la. Exausto, deitou-se e adormeceu.

Enquanto ele dormia, a mulher esqueleto se arrastou até ele, em silêncio. Colocou a mão no peito do pescador e sentiu o som do seu coração batendo. Em seguida, retirou o coração do homem – não para machucá-lo, mas para se aquecer. Com esse coração, começou a cantar, com uma voz que vinha das profundezas do mundo. Cantava sobre carne, pele, vida. E, enquanto cantava, seu corpo foi se recompondo: os ossos ganharam carne, os olhos surgiram, a pele se estendeu sobre o corpo, o sangue voltou a circular. Ela se transformou em uma mulher viva.

Na manhã seguinte, o pescador acordou e a encontrou ao seu lado, viva, respirando. E os dois passaram a viver juntos, compartilhando o alimento, o abrigo e o amor – aquele amor que nasce da aceitação do outro por inteiro: vida, morte, medo e beleza.

Quadro Comparativo: A Bela e a Fera × A Mulher Esqueleto

Elemento literário	A Bela e a Fera	A Mulher Esqueleto	Semelhanças
Origem do conto	Tradição europeia (século XVIII)	Tradição inuit (esquimó), recontado por Clarissa Estés	Ambos são contos populares com raízes culturais profundas.
Tipo de narrativa	Conto de fadas clássico	Conto simbólico / arquetípico	Narrativas simbólicas com elementos mágicos.
Personagens principais	Bela, o pai, a Fera	Pescador, Mulher Esqueleto	Homem e mulher em processo de transformação emocional.
Tema central	Amor verdadeiro que vê além das aparências	Amor que nasce da aceitação da dor e do medo	O amor exige coragem, paciência e aceitação profunda.
Motivação da história	O presente da rosa leva ao encontro com a Fera	A pesca inesperada do esqueleto inicia o enredo	O encontro com o "estranho" ou "assustador" provoca transformação.
Símbolos importantes	Rosa vermelha (amor, sensibilidade), Fera (medo interior)	Esqueleto (medo da morte, traumas), coração (entrega emocional)	Símbolos fortes que representam sentimentos humanos profundos.
Conflito principal	Superar o medo da aparência para alcançar o amor	Superar o medo da dor e da perda para alcançar o amor	O amor verdadeiro enfrenta desafios internos e emocionais.
Desfecho	Transformação da Fera em príncipe e união do casal	Mulher volta à vida, união do casal	Amor leva à cura, transformação e vida compartilhada.
Tipo de linguagem	Narrativa clara, com elementos mágicos e poéticos	Narrativa simbólica, mais profunda e introspectiva	Ambas usam metáforas e símbolos para transmitir valores.
Valores transmitidos	Gentileza, empatia, coragem de amar além da aparência	Paciência, respeito, entrega emocional verdadeira	O amor como processo de aceitação e transformação mútua.

"Contos que Viram Imagem"

Quadrinhos com Releitura Criativa

Objetivos da atividade

- Recontar um conto tradicional (A Bela e a Fera ou A Mulher Esqueleto) de forma visual e criativa;
- Desenvolver habilidades narrativas por meio de roteiro e imagem;
- Explorar símbolos, temas e personagens de forma pessoal e reflexiva.

HABILIDADES

EF89LP19:

Criar narrativas ficcionais com base em leitura de textos literários, respeitando estrutura e linguagem simbólica.

EF69LP31:

Compreender a organização de textos multimodais (quadrinhos) e produzir narrativas visuais com coesão.

EF89LP26:

Expressar-se com clareza na produção de textos orais e escritos, adequando linguagem ao gênero.

Etapas da atividade em sala

1. ESCOLHA DO CONTO

Cada grupo escolhe um dos dois contos trabalhados em aula:

- A Bela e a Fera
- A Mulher Esqueleto

2. PLANEJAMENTO (ESBOÇO NO CADERNO OU FOLHA RASCUNHO)

- Onde e quando a história vai se passar? (Ambientar a história em um cenário atual ou alternativo (cidade grande, escola, universo digital, mundo distópico, realidade futurista etc.);
- Como serão os personagens nessa nova versão? (Redesenhar os personagens com nova estética e comportamento. ex: a Fera pode ser um garoto gamer isolado, a Mulher Esqueleto pode ser uma jovem marcada por bullying ou perdas emocionais);
- Manter os símbolos centrais, mas adaptados (a rosa pode virar um presente digital, o esqueleto pode representar traumas, o coração pode ser mostrado como empatia etc.)

DICA: FAÇA UM ROTEIRO COM 4 A 6 CENAS, INDICANDO:

- Ação principal da cena
- O que será desenhado
- Fala ou pensamento dos personagens

3. PRODUÇÃO DOS QUADRINHOS

- Distribuir folhas A4 ou A3 com quadros já desenhados ou deixar os alunos criarem os próprios;
- Cada grupo desenha, escreve e organiza a narrativa;
- Os balões devem ter falas, pensamentos ou sons;
- Os desenhos podem ser simples, mas devem contar a história com clareza e coerência

4. EXPOSIÇÃO E LEITURA COLETIVA

- Cada grupo apresenta seus quadrinhos para a turma (leitura dramática ou exposição nas paredes da sala);
- Promova uma breve discussão sobre as escolhas de cenário, personagens e símbolos.



MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Papel A4 ou A3
- Lápis, borracha, canetinhas ou lápis de cor
- Réguas (opcional, para quadros)

SUGESTÃO COMPLEMENTAR

Se houver acesso a laboratório de informática ou celulares com apps criativos, os alunos podem usar ferramentas como Pixton, Canva ou Storyboard That para criar suas versões digitais dos quadrinhos. Essa atividade pode ser adaptada para feiras literárias ou exposições interdisciplinares.



Ouçá a trilha sonora da Unidade 3:

Essa playlist foi pensada para provocar sensações, reflexões e conexões com os contos trabalhados nesta unidade. Escolha uma música da playlist. Depois, responda:

- Qual personagem da unidade tem mais a ver com essa música?
- Qual trecho da letra representa um momento do conto?
- Se você pudesse colocar essa música como fundo sonoro de uma cena, qual seria?

ATIVIDADES ADAPTADAS

UNIDADE 1

Atividade: Criando Minha Personagem Selvagem
Vamos imaginar uma nova personagem!

Ela é inspirada na Chapeuzinho Vermelho e na La Loba. Ela pode ser curiosa, forte, assustada ou corajosa. Pode estar aprendendo algo novo sobre si mesma.

Você pode contar essa história do seu jeito:

- Com um pequeno texto narrativo
- Com um poema
- Ou até com uma carta, como se fosse a própria personagem escrevendo

Você pode:

- Criar um nome para a personagem
- Mostrar o que ela sente (medo, coragem, alegria...)
- Usar algum lugar da natureza (floresta, montanha, caverna...)
- Incluir um momento especial ou mágico (pode ser um sonho, um encontro, uma fala importante)

Perguntas para pensar:

- De que "lobos" ela tem medo?
- O que ela perdeu e precisa reencontrar?
- Como ela muda no final da história?

Para quem quiser fazer diferente:

- Desenhe sua personagem
- Grave um áudio contando a história
- Crie uma sequência de 3 quadrinhos com as partes principais

UNIDADE 2

Atividade: Cinderela e Vasilisa em um podcast

Vamos imaginar que Cinderela e Vasilisa vão conversar em um programa de rádio (podcast).

Você vai escrever um roteiro bem simples para essa conversa.

O que você precisa fazer:

1. Começo do podcast:

- Crie um nome para o episódio.
- Diga que as convidadas são Cinderela e Vasilisa.
- Diga o que elas vão conversar: suas histórias e como ficaram fortes.

2. Conversa entre as duas:

- Cada uma fala um pouco da sua história.
- Elas trocam conselhos.

3. Final do episódio:

- Cada uma deixa uma mensagem bonita para quem está ouvindo.

Dicas:

- Escreva com frases curtas.
- Pode usar falas assim:

Cinderela: Eu fui muito corajosa quando...

Vasilisa: Eu aprendi a confiar em mim...

- Pode desenhar as personagens ou gravar a fala com sua voz.

Você pode escolher:

- Escrever sozinho ou com ajuda.
- Fazer em forma de texto, áudio ou desenho.
- Usar emojis, cores ou símbolos para organizar.

UNIDADE 3

ATIVIDADE: DESENHANDO UM CONTO

Vamos transformar uma história em quadrinhos com desenhos e falas!

ESCOLHA UMA HISTÓRIA:

Você pode escolher 1 dessas histórias:

- A Bela e a Fera
- A Mulher Esqueleto

PENSE NA SUA VERSÃO:

Agora imagine:

- Onde a história vai acontecer?
(na escola, no celular, no futuro...)
- Quem são os personagens?
(você pode mudar como eles são, como se vestem, o que sentem...)
- Que coisas importantes vão aparecer?
(ex: uma flor, um coração, um segredo...)

PLANEJE COM SIMPLICIDADE:

- No seu caderno ou numa folha, desenhe 4 cenas da sua história.
- Em cada cena, pense:
- O que está acontecendo?
- O que aparece no desenho?
- O que o personagem está falando ou pensando?
- Você pode usar frases bem curtas ou só desenhos.

FAÇA OS QUADRINHOS:

- Use folha A4 ou A3 (com ou sem quadros prontos)
- Faça os desenhos simples
- Use balões com falas, pensamentos ou sons (ex: "ai!", "sim", "puf!")